

# ENTRE A FORMA E A TÉCNICA: elementos do Jornalismo Literário no livro “O nascimento de Joicy” BETWEEN FORM AND TECHNIQUE: elements of Literary Journalism in the book “O Nascimento de Joicy”

Luiz Felipe ZAGO<sup>1</sup>

Universidade de São Paulo | Brasil

Diandra Genesini TAVARES<sup>2</sup>

Universidade Luterana do Brasil | Brasil

## Resumo

O artigo busca compreender como os elementos do Jornalismo Literário possibilitam a afirmação de uma forma de escrita a partir da inserção das perspectivas autorais do repórter. Para isto, são analisados trechos do livro “O nascimento de Joicy”, publicado em 2015, pela jornalista Fabiana Moraes. A partir do segundo capítulo do livro, analisam-se dois aspectos: a inserção do corpo da repórter e a sua relação com a fonte. Análises indicam a afirmação de um texto autoral por meio da recusa da objetividade, assumindo a subjetividade como elemento constituinte da forma e da técnica jornalísticas.

## Palavras-chave

Jornalismo Literário; Subjetividade; Corpo; Fonte; Autoria.

## Abstract

The article seeks to understand how the elements of Literary Journalism enable the affirmation of a form of writing from the insertion of the reporter's author's perspectives. For this purpose, excerpts from the book “The birth of Joicy”, published in 2015, by journalist Fabiana Moraes will be analyzed. On the second chapter of the book, two aspects are analyzed: the insertion of the reporter's body and her the relation with the source. Analysis indicate the affirmation of a authorial text through the refusal of objectivity, assuming subjectivity as a constituting element of the journalistic form and technique.

## Keywords

Literary journalism; Subjectivity; Body; Source; Authorship.

RECEBIDO EM 21 DE JULHO DE 2020  
ACEITO EM 10 DE DEZEMBRO DE 2021

<sup>1</sup> JORNALISTA. Mestre e Doutor em Educação. Pós-Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisador na Universidade de São Paulo. Contato: professorluizfelipezago@gmail.com.

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação Social (Jornalismo). Contato: diandratavares@rede.ulbra.br.

## Introdução

Percebe-se a importância da realização de investigações no âmbito da Comunicação Social que busquem compreender o exercício do Jornalismo Literário (MARTINEZ, 2017; 2020) não para encontrar uma definição consensual, mas para explorar suas possibilidades. Edvaldo Pereira Lima (2016) sugere que este gênero jornalístico engloba aspectos pertencentes ao jornalismo, entendido como a “atividade de comunicação de massa desenvolvida pela civilização contemporânea para, em tese, levantar, investigar, apurar e contar ocorrências sociais” (LIMA, 2016, p.6). Este tipo de reportagem caracteriza-se por romper com a estrutura do lead, que segundo Pena é “o relato sintético do acontecimento logo no começo do texto, respondendo às perguntas básicas do leitor: o quê, quem, como, onde, quando e por quê” (PENA, 2005, p.42). De acordo com o autor, este recurso textual pode ser compreendido como “uma estratégia narrativa inventada por jornalistas norte-americanos no começo do século XX, com o intuito de conferir objetividade à imprensa” (PENA, 2006, p.14). Os textos apresentam descrições de cenários, transcrições de diálogos e outros elementos narrativos, que ocasionam relatos jornalísticos mais aprofundados e aproximam o leitor dos fatos descritos. Mais que isso: o lugar do/a autor/a como autor/a de uma escrita assume preponderância (VEIGA DA SILVA; MORAES, 2019).

Por essa razão a obra “O nascimento de Joicy”, da jornalista Fabiana Moraes, torna-se interessante para pensar as potencialidades do Jornalismo Literário em propor discussões sociais, a partir de técnicas de escrita específicas. O livro é intitulado com o mesmo nome de uma reportagem, publicada em 2011 no Jornal do Commercio, que narra sobre a trajetória da transexual Joicy Melo da Silva diante da sua cirurgia de redesignação sexual. O livro, publicado em 2015, pela editora Arquipélago, é dividido em três capítulos. No primeiro, a autora apresenta o texto veiculado no jornal. No

segundo, Moraes descreve em primeira pessoa, os desafios, aprendizados e emoções experienciados para contar a história de Joicy, durante um processo de elaboração da reportagem de seis meses. Já no terceiro capítulo, a jornalista expõe suas considerações sobre a prática de um jornalismo de subjetividade.

Este artigo se orienta pela pergunta: De que forma os elementos narrativos do Jornalismo Literário em “O nascimento de Joicy” propiciam pensar sobre as possibilidades de escrita jornalística a partir do lugar subjetivo da própria repórter? Os objetivos são investigar pontos de tensão no relato do livro acerca da experiência do corpo da repórter e da relação com a fonte (Joicy). Os relatos do segundo capítulo da obra tornam-se interessantes para pensarmos as possibilidades de escrita autoral do repórter a partir de trechos do livro. Esta parte da obra, intitulada como “Aproximações e Distanciamentos”, apresenta uma narrativa em primeira pessoa sob o ponto de vista da jornalista sobre os desafios enfrentados por ela durante e após a publicação da reportagem. É precisamente nessa parte do livro na qual Fabiana Moraes aparece como personagem implicada na experiência da relação com a fonte, Joicy. Como argumenta Márcio Serelle (2016, p. 4), esse capítulo explicita dois aspectos relevantes, que são parte da justificativa da sua escolha para este artigo: “a reivindicação pela ultrapassagem do que Moraes denomina círculo ou rede técnica do jornalismo (...) e o reconhecimento das falhas e dos limites da reportagem”.

## **O Jornalismo Literário**

O Jornalismo Literário impacta o modo de produção jornalística tradicional ao compor elementos do texto ficcional com o texto noticioso. Esta forma de escrita propõe maneiras de reflexão em relação às construções narrativas tradicionais do jornalismo, mostrando que é possível produzir textos que se apropriem de elementos da escrita literária, anteriormente restritos apenas à produção ficcional, enquanto as reportagens eram consideradas como textos verdadeiros devido ao modo de escrita objetivo. Nesse sentido,

uma das principais características do Jornalismo Literário é a possibilidade de contar uma boa história, segundo Monica Martinez (2009, p. 72).

Como toda boa narrativa, o JL presta muito mais atenção do que o jornalismo tradicional ao uso da oralidade, ou seja, à forma com que as pessoas expressam seus pensamentos, sentimentos e suas ações, enfim, sua forma de ver e de se relacionar com o mundo.

Além dessa, outras marcas também constituem os textos que se reivindicam como pertencentes ao campo do Jornalismo Literário. Martinez (2009, p. 80—82), apoiada em Mark Kramer, destaca oito características desse gênero. Aqui, apontamos a relação ética do/a autor/a com o/a leitor/a e com fonte (precisamente uma das categorias de análise deste artigo); a escrita sobre personagens e assuntos rotineiros, quase invisíveis; a voz autoral e o estilo do texto, que permite a expressão da pessoa integral do/a jornalista; a criação de sentidos por meio do uso de símbolos e metáforas na escrita.

Tais características divergem do texto noticioso tradicional. A escrita objetiva, marca consolidada da técnica de escrita dos jornalistas, busca por meio de seus elementos textuais fazer com que o autor não se insira como um personagem da narrativa, de forma com que ele pareça apenas um observador neutro dos fatos descritos. Segundo Sato (2002, p.31, apud MAGNO, 2014, p.83), “o apagamento das marcas do sujeito tem como resultado o efeito de objetividade, pois o peso dado ao referente externo cria a ilusão de sua autonomia, de uma existência independente da linguagem”. Já Traquina (2005) interpreta a questão da objetividade não como uma forma de negar a subjetividade no texto jornalístico, mas como uma série de procedimentos, adotados na produção das reportagens pelos jornalistas, voltados a evitar possíveis críticas, principalmente em relação à abordagem e veracidade dos fatos retratados. Nesse sentido, a objetividade do texto jornalístico seria mais uma estratégia de defesa, menos uma técnica textual; mais uma política corporativa do que uma ética de autoria.

No entanto, a forma textual do Jornalismo Literário implica em uma descrição mais detalhada de aspectos psicológicos, sociais e políticos da realidade e personagens retratados, o que também possibilita que o repórter se coloque como personagem da narrativa para contextualizar os leitores sobre o modo de vida dos entrevistados. Explorar as ambiguidades e profundidades psíquicas de um personagem por meio de técnicas de fluxo de consciência para apresentar as emoções e interpretações acerca da realidade de um sujeito descrito, assim como do contexto de vida experienciado por ele, significa potencializar a maneira de narrar os acontecimentos das reportagens (NEVEU, 2016; MARTINEZ, 2020). Mesmo que traga o adjetivo “literário”, esse gênero jornalístico exige a “apuração criteriosa de um fato” (MARTINEZ, 2017, p. 29); isto é, não se admitem aqui criações ou invenções. Mas o fato que exige uma apuração criteriosa é uma história de vida que possibilita ao jornalista autor “o potencial de ampliar a tentativa de compreensão sobre si mesmo e sobre o outro, num notável exercício de alteridade que se estende à relação com a comunidade e/ou sociedade na qual ambos se inserem” (p. 31).

## **A repórter como autora**

No capítulo “Aproximações e distanciamentos”, da obra “O nascimento de Joicy”, a jornalista Fabiana Moraes explora os aspectos textuais do Jornalismo Literário no aprofundamento das descrições espaciais e das características dos personagens, pelo adensamento psicológico de uma narração em primeira pessoa, que aproxima o leitor dos acontecimentos relatados acerca da história da fonte.

Ao mesmo tempo em que narra, Moraes revela e reflete sobre os bastidores do processo de elaboração da reportagem. A colocação de um narrador que discute a própria escrita abre possibilidade para uma reflexão sobre o exercício do jornalismo, podendo ser interpretada a partir da perspectiva de “reportagem auto-reflexiva” defendida por Serelle (2018), na qual conceitua esta maneira de compor o relato para além do hibridismo entre

um texto informacional e narrativo. O relato imprime sua marca na possibilidade de, a partir de uma dinâmica entre os fatos e a autorreflexão de quem escreve, gerar discussões sobre a impossibilidade de capturar textualmente na totalidade a história da fonte. Segundo o autor, a narração em primeira pessoa “constrói e insere Moraes como personagem implicada na narrativa e adensa elementos de ambiguidade de Joicy, deixando à mostra o projeto e a dificuldade de uma reportagem que não deve incorporar o Outro” (SERELLE, 2018, p.4).

A jornalista expõe como marcas de gênero e classe relativas aos panoramas sociais da relação entre ela (mulher cisgênero e de classe média) e Joicy (mulher transgênero em um contexto de pobreza) se interpõem durante o período da reportagem. Os embates são gerados em um convívio mais longo e de maior proximidade com a entrevistada, o que rompe com o entendimento de uma postura isenta do jornalista diante da fonte. A autora recusa-se a ocultar as adversidades envolvidas no encontro com a alteridade e utiliza-se da voz narrativa para problematizar a crença de que o discurso jornalístico é resultante unicamente de observação não participante e neutra em relação à fonte, propondo um deslocamento da objetivação narrativa. O relato sobre os conflitos com Joicy configuram uma autoanálise dos aprendizados de sua prática profissional, incorporados para justificar as decisões de escrita por meio da auto-narração. Assim, assegura a veracidade das informações e as escolhas de escrita pelo detalhamento do processo de apuração e da reivindicação de uma postura profissional na qual permite ser afetada pelo encontro com o outro.

O relato desse segundo capítulo reabre a leitura da reportagem. Ele é marcado por dois aspectos importantes, no que diz respeito à auto reflexividade [...]. O primeiro aspecto é acompanhado da afirmação de Moraes de que O nascimento de Joicy, produto e processo, provocou rachaduras nessa rede técnica, em grande parte, segundo a jornalista, pela escolha da protagonista “não canônica”, mas também pela relação estabelecida entre Moraes e Joicy, que, em diversos pontos, infringiu a distância imposta na profissão, espécie



de medida de proteção entre repórteres e personagens [...] (SERELLE, 2018, p.4-5).

A autora sugere uma reflexão sobre uma ética de seu próprio fazer e traz, por meio de sua inserção como personagem da obra, a proposição de um “jornalismo de subjetividade”, termo utilizado “não para fazer uma oposição ao objetivo, mas como forma de demarcar a importância do subjetivo, historicamente rechaçado no campo noticioso” (MORAES, 2019, p.207). Nesse sentido, a subjetividade não é entendida como a relativização do processo de apuração e da garantia da veracidade dos fatos em prol de uma narração internalizada. Este conhecimento reconhece a dimensão do sensível como meio de estar atento às complexidades sociais envolvidas na mediação do jornalista sobre as formas de vida das fontes. “Assim, orientar pautas, abordagens, escritas e enquadramentos com esses pressupostos não significa estar com os sentidos embotados pela emoção: ao contrário, significa estar guiado por critérios dados no mundo sensível” (MORAES, 2019, p. 209). Na mesma direção, ao interpretar a Teoria da Subjetividade, proposta por González Rey (2012), Mendonça (2021, p.112) avalia que “sob essa perspectiva, não seria possível considerar a subjetividade de um espaço social desvinculada da subjetividade dos indivíduos e, do mesmo modo, não seria possível fazer o contrário”.

Veiga da Silva e Moraes (2019) entendem que uma epistemologia voltada à subjetividade propicia um maior entendimento de como o jornalismo pode contribuir para a manutenção e reprodução de desigualdades simbólicas relativas às questões sociais estruturantes como gênero, classe, raça, por exemplo. Desta forma, modos de escrita com o rompimento da neutralidade autoral do repórter podem auxiliar para, além de expressar como estas questões operam na vida das pessoas, também questionar a maneira com que uma escrita objetiva no jornalismo pode reproduzir estereótipos e manter modelos padronizados de enfoque em determinadas pautas.

É preciso dizer que a subjetividade sobre a qual nos referimos neste jornalismo se situa em questões extremamente pertinentes e presentes no mundo sensível: na necessidade de observarmos posições de classe, gênero, geográficas, raciais e grupais dos jornalistas e daqueles que por estes são enquadrados; na obrigatoriedade de levar em conta a estrutura social circundante (em nosso caso, a brasileira, fraturada pelo classismo, pelo machismo e pelo racismo); na procura de um olhar miúdo para entender como essas questões se traduzem nas pessoas, em como são devolvidas ao mundo; na fissura de representações previamente dadas (ou fatos previamente dados); finalmente, em uma autocrítica do próprio campo assentado em bases positivistas e também que privilegia narrar a partir de um enquadramento espetacular e/ou exotificante (VEIGA DA SILVA; MORAES, 2019, p.14).

O investimento nas descrições psicológicas para trazer a complexidade à personalidade de Joicy e a exposição de que o enquadramento sobre a entrevistada estava direcionado a partir do ponto de vista da jornalista demonstram o reconhecimento da narrativa como meio de contrapor formas de exclusão em enfoques que refletem grupos sociais como “diferentes” de um ideal de normalidade vigente e midiaticamente propagado. Moraes (2019, p.214) destaca uma prática “que preza, como dito, pela semelhança, e não pela diferença (o eu, ‘normal’, o outro, ‘espetacular’), pode ser um caminho importante para fissurar essa prática estabilizada, na qual há a recusa a modos de existência não hegemônicos”.

Salvo (2019, p.71) avalia que “[...] a escrita de Moraes forneceu, em boa medida, a singularidade da personagem, desidentificando-a de padrões e categorias, nuançando sua existência única, que não autoriza generalizações”. A inserção de fragmentos sobre a rotina da personagem aliada ao aprofundamento das descrições emocionais mostra os contrastes da personalidade da entrevistada. Portanto, possibilitam uma discussão sobre formatos humanizadores de representação, que proporcionam ao leitor a oportunidade de sentir-se identificado com as características dos personagens expostos ao relato. A prática está de acordo com o que Veiga da Silva e Moraes (2019) definem como uma abordagem não respaldada em apreender o



espetacular, e sim aquilo que está oculto e que se destaca nos acontecimentos não extraordinários. Dessa maneira, Joicy não é posta na narrativa sobre uma ótica de distanciamento com quem lê sobre sua história.

Essa abordagem foi extremamente importante para a difusão da reportagem (e, mais tarde, do livro): ao empreender uma narrativa não espetacular, Joicy foi aproximada do cotidiano dos próprios leitores e leitoras, que viam nela desejos também seus: necessidade de amor, de conforto, companhia, respeito, cuidado (MORAES, 2019, p.215).

A autora demonstra utilizar da subjetividade como um mecanismo redutor de diferenças e insere o próprio corpo na narrativa para descrever sobre a entrevistada. No intuito de retratar os tensionamentos que Joicy gerava em concepções socialmente cristalizadas de feminino, Moraes repensa o lugar em que ela própria estava circunscrita como mulher cisgênero, realizando relatos de emoções, sensações físicas e inquietações que a observação sobre a fonte ocasiona. As perspectivas de valores da repórter e dos demais personagens sobre um modo de ser mulher não hegemônico experienciado por Joicy são colocadas no texto para gerar uma narrativa que complexifica e aprofunda as representações estáveis sobre gênero no jornalismo.

A jornalista poderia ter seguido o conselho do médico (por ela entrevistado) e escolhido alguma transexual “mais feminina”, como recorrentemente acontece, mas, utiliza-se desta provocação para o desvio, aprofundamento da reportagem e problematização sensível [...]. A reportagem se destaca quando, justamente, consegue refletir não só sobre o processo árduo e difícil de redesignação sexual de uma mulher trans, mas consegue nos incitar para a reflexão sobre o que é ser mulher? Afinal, o que nos torna mulher? Além disso, Moraes reconhece na reportagem esse “não lugar” de Joicy, que não pertence ao grupo das mulheres cis, tão pouco ao das mulheres trans (PILGER, 2019, p.153).

Portanto, entende-se que Moraes propõe um olhar reflexivo para a valorização da subjetividade no reconhecimento das estruturas sociais e singulares que se inscrevem entre repórter e fonte. Então, mostra a possibilidade de aprendizado neste encontro com alteridade a partir da descrição dos impasses e ruídos que o contato com uma realidade desconhecida trouxe para a produção da reportagem. Ao detalhar os embates

pelo tensionamento dos limites de proximidade na relação com a entrevistada, a autora explicita a razão das decisões técnicas de enquadramento de Joicy. Desta maneira, não impõe uma perspectiva sobre o Outro em uma narrativa hegemônica, optando por formular um texto mais interpretativo e que impulse discussões sobre o papel do jornalismo em buscar novos modelos de representação simbólica. Conforme Salvo (2019, p. 72) “ao incorporar as diferenças advindas do encontro de alteridades no espaço narrado (sem buscar apartá-las), o relato se torna mais aberto e polifônico [...]”.

## **O corpo da repórter**

Os elementos narrativos do Jornalismo Literário possibilitam com que Moraes construa um relato híbrido entre texto não ficcional e narrativa literária onde firma sua voz autoral por meio de uma auto narração, na qual reflete como ocorreu a elaboração da reportagem e as implicações de uma convivência mais próxima e longa com a fonte. Logo, a descrição em primeira pessoa e a escolha por expor o processo produtivo pela inserção de percepções particulares que se mesclam com fatos da própria reportagem em si é utilizada como um recurso narrativo para validar a credibilidade dos dados apresentados no texto. O rompimento com a neutralidade torna-se um mecanismo para mostrar que o deslocamento de uma forma de objetivação descritiva não implica na consolidação de uma técnica de apuração ineficaz, no qual o repórter coloca suas opiniões, emoções e julgamentos de valores à frente dos fatos ocorridos, gerando um texto guiado pela emotividade. Elementos literários como a consolidação de um narrador participante, o adensamento psicológico, a transposição de diálogos, o investimento em descrições de cenário e físicas dos personagens e a valorização da exploração de ocorrências rotineiras auxiliam com que Moraes consolide uma ética de escrita justamente pelo rompimento da busca de uma escrita autoral isenta de personalidade, na

qual assegura a fidedignidade de suas descrições pela transparência em apresentar os bastidores da produção do relato.

A subjetividade das descrições é utilizada como meio de demonstrar o processo de imersão em outra realidade, num convívio mais longo com a fonte (característico das demandas de reportagens atreladas ao Jornalismo Literário). O desvio da escrita objetiva é potencializado pela presença do corpo da repórter na narrativa. Assim, é materializada no texto a figura de uma repórter-autora, que coloca percepções físicas e emocionais do que observa e vivencia. A exposição da experiência dos sentidos propicia um estilo de relato que aproxima o leitor da experiência jornalística e possibilita identificações com as descrições de acontecimentos não extraordinários e mais próximos da vida comum. Então, a admissão da emotividade e dos afetamentos sensoriais que a observação sobre Joicy gera na autora também são valorizados no texto como uma estratégia de apuração e justificativa da autenticidade do relato a partir da vivência da repórter. Por isso, as passagens acerca da vida cotidiana são importantes para que a jornalista também consiga firmar uma ética de autoria acerca das informações que serão lidas.

É por meio de um aprofundamento na ambientação dos cenários, do maior detalhamento das descrições sobre aspectos físicos e psicológicos da fonte, das descrições do acompanhamento da autora diante da rotina de trabalho, interações com a família e demais habitantes da cidade que a narrativa expressa o contexto social de na qual a personagem está inserida. Com isso, é gerado também um entendimento maior das dificuldades neste encontro da repórter com a realidade social de Joicy e a possibilidade de entendimento de que maneira as adversidades deste contato com um panorama de vida diferente reverberam no texto. Nas descrições sobre a casa de Joicy, são expressos os desconfortos físicos com o local, permitindo mais recursos para imaginar quais eram as condições de vida no lugar.

*Ainda na sala minúscula, onde mal cabiam um sofá, uma cadeira de balanço e a sua Honda, estava também o salão de beleza e ganha-pão da ex-agricultora: um móvel desgastado em cuja prateleira repousavam os produtos e objetos do espaço que ela montou para sobreviver [...]. A sala separava-se da cozinha/banheiro por uma porta, que também mantinha quase afastado o odor do quintal, onde um esgoto corria a céu aberto (várias vezes, precisei sair da casa para respirar o ar lá de fora durante as entrevistas e as observações; nessas horas tinha cuidado para não constranger Joicy, justificando minha saída por causa do calor), (MORAES, 2015, p.99)<sup>3</sup>.*

Moraes expressa a situação de discriminação e pobreza vivenciada pela transexual, o que pode propiciar um texto em que a partir do aprofundamento na investigação de uma história individual são refletidas questões que podem ser ampliadas para um debate mais abrangente. A narração em primeira pessoa auxilia na apresentação sobre a realidade da fonte, já que a autora cria contrastes entre as experiências de vida dela e da entrevistada, buscando por meio da descrição de aspectos físicos criar simbologias para as dificuldades vivenciadas por Joicy.

*Nessa primeira visita, as unhas dos meus pés estavam pintadas de vermelho-tomate, enquanto as de Joicy apareciam pintadas de rosa-pitanga. Nossos pés aparecem juntos em um vídeo divulgado no site da reportagem. Nela, a cor contrastava dramaticamente com um ferimento no dedão direito, um corte abaixo disputado por várias moscas. Aquela imagem não saía da minha cabeça: era uma espécie de síntese da vida dura, com algumas pinceladas de sonho e cor da cabelereira (MORAES, 2015, p.98-99).*

A escolha por uma personagem que esteja em uma condição de exclusão em relação a modelos hegemônicos de representação também é viabilizada. A autora busca fugir de um senso comum em sua escolha de abordagem. O investimento no adensamento psicológico de suas impressões sobre as características físicas e da personalidade da fonte amplificam o entendimento sobre a vivência da transexualidade experienciada por Joicy, distanciando a apresentação da personagem a partir de óticas exotificantes,

<sup>3</sup> Os trechos do segundo capítulo do livro serão apresentados sem recuo, fonte 12, itálico e dentro de caixas de texto.

nas quais poderiam colocá-la sobre perspectivas unilaterais de vítima ou ressaltassem de maneira reprodutora de preconceitos uma ideia de existência separada a um modelo padronizado de normalidade. A autora descreve que a primeira vez que viu Joicy, na sala de espera de um hospital, não percebeu que ela era uma possível personagem para o seu relato jornalístico sobre a cirurgia de redesignação sexual. Com isto, retrata no texto que suas opiniões de valores já estavam presentes antes de iniciar a reportagem, de modo que abre uma reflexão sobre o próprio exercício do jornalismo, demonstrando que processos como escolha das fontes e das perspectivas que suas histórias serão retratadas pode estar permeado uma série de motivações pessoais dos repórteres, mesmo que a construção narrativa objetiva oculte estas visões.

*Ao chegar, na manhã de uma segunda, ao Hospital de Clínicas, Zona Oeste do Recife, não percebi que ela, sentada com as pernas abertas em meio às outras transexuais de maneiras delicadas e de sandálias de dedo, era mais uma mulher não biológica à espera da redesignação sexual [...]. Depois de me ouvir e perguntar o nome de cada garota e não me dirigir a ela, Joicy levantou a mão. "Ei, moça. Eu sou a próxima daqui a fazer a cirurgia". Notei que suas colegas não ficaram muito à vontade, algo que eu descobriria, mais tarde, ter relação com o fato de Joicy não coadunar sua aparência com o feminino que elas valorizavam, sempre traduzido em brincos, maquiagem e cabelos longos (MORAES, 2015, p.94).*

Portanto, a não objetificação da escrita faz com que Moraes exponha quais foram as razões que a fizeram escolher a personagem e de que maneira a observação sobre a entrevistada mobiliza a escrita das discussões apresentadas. É retratado que a aparência e personalidade de Joicy, por não corresponderem aos padrões de feminilidade do imaginário social, geravam o questionamento e invalidação constante de sua identidade de gênero. A autora mostra na sua forma de construção textual que os tensionamentos que a fonte traz em uma ideia padrão acerca do feminino a motivaram na construção da narrativa e na realização das reflexões expostas no texto, de modo que a repórter escolhe narrar sobre o corpo de Joicy para apresentar aos leitores reflexões sobre uma possibilidade de existência de tornar-se mulher diferente

de um seguimento dos padrões socialmente construídos. Assim, usa a intrusão dos próprios valores sobre a observação do Outro como um meio de tornar as discussões acerca das temáticas de gênero no jornalismo mais abrangentes.

*Em vez de me desencorajar, o cirurgião terminou me instigando ainda mais: afinal pensei, o que exatamente nos transforma em mulheres? Brincos, batom, vestidos? Por que em Joicy o feminino era questionado ao não se associar aos elementos decorativos mais comuns relacionados às mulheres? Percebi, que além de todos os obstáculos pelos quais precisaria passar — a falta de dinheiro, a falta de respeito, a falta de amor —, ela ainda teria que provar ao mundo que, apesar da cabeça quase careca (problema que acomete também as mulheres biológicas) e das maneiras díspares do feminino socialmente construído, ela também, era, sim, uma mulher (MORAES, 2015, p.95-96).*

A exposição dos questionamentos acerca de construções sociais vigentes de feminilidade sugere que a repórter coloca em discussão no texto o próprio corpo e as suas considerações de valores em relação a estes modelos pré-estabelecidos. A inserção das emoções, opiniões e sensações físicas na narrativa viabilizam com que retrate sobre a entrevistada a partir de sua percepção subjetiva. Então, estabelece um modelo de texto que permite o aparecimento da intromissão de suas visões de mundo, consolidadas a partir do contexto de vida que está circunscrita, no modo de escrever sobre a fonte. Desta maneira, a repórter busca não colocar suas perspectivas em uma hierarquia de superioridade e desvia de uma representação simbólica reprodutora de estereótipos do modo não hegemônico de ser mulher de Joicy. É pelo relato das inquietações e dúvidas causadas na observação que repensa suas concepções, geradas a partir da vivência em um corpo socialmente validado como feminino, e discorre como estas perspectivas particulares interferiram na maneira como inicialmente também não percebeu Joicy como uma mulher transexual. Assim, a não objetividade possibilita com que seja sugerida uma forma de escrita que exponha as transformações que o convívio com a fonte trouxe sobre a subjetividade da jornalista.



## A relação da repórter com Joicy

Além de propiciarem uma forma narrativa que não apague a autoridade de quem escreve o relato, os elementos do Jornalismo Literário são utilizados por Moraes para apresentar uma escrita em que possa ser mostrada uma reconfiguração das relações de distanciamento entre repórter e fonte, sem que a credibilidade do texto jornalístico seja perdida com a apresentação de um autor inserido nas situações descritas. O capítulo da obra também exemplifica como as reportagens literárias possibilitam uma relação de maior proximidade entre jornalistas e entrevistados, devido à demanda de maior tempo de apuração e convivência. A autora admite executar uma série de interferências, as quais podem ser compreendidas como tentativas de auxílio à entrevistada. Apesar de apontar em seu texto uma relação com Joicy marcada pela proximidade, emprega da técnica literária para produzir um texto auto-reflexivo no qual narra os fatos ao mesmo tempo que propõe uma defesa do seu compromisso com o exercício da profissão e da veracidade das informações coletadas.

O investimento em construir um relato que situe o leitor no próprio processo produtivo, detalhando o trabalho de apuração envolvendo entrevistas com equipe médica, familiares e pessoas que conviviam fonte, somado ao investimento em narrar situações do cotidiano e descrever detalhadamente os bastidores da escrita de uma reportagem que levou em torno de seis meses para ser finalizada é realizado como uma forma de buscar assegurar a credibilidade das informações contidas neste texto não ficcional. Deste modo, propõe uma ética de escrita ao optar por expor o rompimento com a neutralidade e justificar suas decisões, permitindo uma narrativa que também contenha as falhas e incertezas que existem neste desvio de uma postura idealmente isenta, retratando também uma certa inalcançabilidade em constituir o relato de uma experiência jornalística unicamente a partir do olhar da fonte, de modo que os próprios valores subjetivos sejam ocultados. A

defesa de uma prática que valorize a dimensão da influência da subjetividade como participante de uma técnica de apuração elaborada e comprometida com a credibilidade informativa também é formulada a partir de uma ética de escrita na qual a repórter justifica a autenticidade do seu relato pela admissão dos conflitos e dificuldades que a quebra de um maior limite de distanciamento trouxe. Ao mesmo tempo em que reitera seu comprometimento com a verdade, evidencia não conseguir manter um distanciamento emocional e declara que se sente mobilizada a intervir na realidade em que observa. Quando se depara com o contexto de exclusão social e precárias condições de vida da entrevistada, narra ter realizado a compra de alimentos e higiene pessoal para a Joicy. Em outro momento, comenta ter emprestado dinheiro.

*Eu poderia entender aquela fala como um pedido não muito direto por dinheiro, mas ao mesmo tempo, eu conhecia relativamente bem as dificuldades sobre as quais falava. Assim, dei algum dinheiro para a cabelereira no momento em que nos despedíamos, ela voltando para Perpétuo Socorro, eu voltando para a minha casa a fim de terminar sua história e minha tese (MORAES, 2015, p.128).*

O texto retrata que a visão de Joicy sobre a repórter também impacta o modo como esta relação de maior proximidade foi configurada. A jornalista opta em descrever suas dificuldades para estabelecer um distanciamento como uma forma de repensar as consequências que as suas tentativas de auxílio tiveram nesta percepção. Desta maneira, contextualiza os leitores acerca dos desafios em lidar com as expectativas que a fonte tinha de que ela resolveria suas demandas, principalmente em relação às questões econômicas. Segundo a autora, a situação tornou-se mais complicada com a publicação da reportagem, pois muitas pessoas se disponibilizaram a ajudar a entrevistada financeiramente. No entanto, Joicy acreditou que o auxílio seria permanente e passou a ligar de maneira recorrente para a jornalista quando a frequência dos depósitos diminuiu. Nota-se que foi gerada uma forma de relacionamento que ultrapassa o contexto de discussão dos limites de independência na apuração, pois o sentimento de responsabilidade que a profissional desenvolveu com a

fonte trouxe consequências para sua vida privada. A dificuldade de afastamento, após o término da reportagem, também é motivada pela compreensão da repórter sobre como suas intervenções repercutiram na falta de entendimento da fonte sobre qual era o seu papel como jornalista, trazendo mais complexidade à lógica de que apenas o repórter exerce a figura hegemônica de mediador do relato e não está sujeito aos impasses e tentativas de interferências do entrevistado sobre seu trabalho.

*Do meu lado, sabia que precisava fazê-la ver que aquelas ações seriam pontuais, já que todos os dias os jornais mostram pessoas em situação de vulnerabilidade, várias vezes também pedindo ajuda para estas. Mas como ela poderia entender isso? Como fazer Joicy compreender que aquela mulher que a acompanhava há tempos não era apenas ela em si, mas também uma empresa, um jornal? Que todas as vezes que eu pude ajudá-la financeiramente essa ajuda veio de minha pessoa, e não de uma instituição? (MORAES, 2015, p.140).*

A forma textual torna perceptível como o encontro da repórter com uma realidade adversa a sua ocasiona juízos de valores e opiniões que se refletem na forma de tratamento da jornalista com a fonte e, também, nas abordagens textuais em que a reportagem é constituída. Ao longo do texto, são relatados conflitos vivenciados e revela-se que a questão financeira é motivação de divergências. Com isso, a presença autoral de Moraes no texto torna-se importante para que a jornalista justifique que as suas interferências e opiniões discordantes em relação à fonte são advindas do contexto social e econômico na qual está inserida. Portanto, desenvolve uma escrita na qual alerta a maneira na qual questões sociais estruturantes como classe e gênero também se interpõem na formação da compreensão da realidade do Outro pelo repórter e se manifestam nas abordagens textuais, ainda que a escrita objetiva busque trazer uma noção de neutralidade a estes entendimentos.

O deslocamento da escrita objetiva também possibilitou com que Moraes realizasse uma reavaliação do processo de apuração e percebesse que a relação de maior proximidade com Joicy ultrapassou o contexto profissional,

causando impactos na sua vida pessoal. A exposição dos conflitos se expressa nas constatações da autora de que suas ações para tentar ajudar a entrevistada não eram funções de seu trabalho como jornalista, ainda que estas motivações tenham sido possibilitadas devido a um período de convivência com a fonte que permitiu esta aproximação. Ao demonstrar que foi estabelecida uma relação que ultrapassa os padrões de distanciamento previstos na técnica jornalística, Moraes produz um relato que deixa lacunas e questionamentos acerca de que outras maneiras estes limites na relação entre repórter e fonte poderiam ser estabelecidos e quais outras formas existem de realizar esta escuta e construção narrativa da alteridade a partir da admissão da influência de questões subjetivas no processo. Portanto, a recusa pela imparcialidade propõe uma defesa de uma ética de autoria e da prática do exercício de sua profissão.

*A distância era algo que profissional, e pessoalmente, eu precisava: me sentia extremamente frustrada pelo fato de, depois de tentar ajudá-la de várias maneiras (um ato que sempre oculta alguma vaidade, é claro), terminar ouvindo suas queixas sobre minha inabilidade em fazê-la, de algum modo, feliz. Durante muito tempo, não entendi que aquela não era uma tarefa minha (MORAES, 2015, p.92).*

A autocrítica proposta por Moraes evidencia que os conflitos vivenciados também trouxeram aprendizados para a repórter sobre como estabelecer o distanciamento profissional em um modo de relacionar-se com a fonte diferente do modelo pressuposto. Ao relatar que a reportagem venceu o Prêmio Esso de Jornalismo, Moraes narra que decidiu dividir o dinheiro da premiação com Joicy, procedimento realizado com outras fontes em premiações anteriores. Contudo, revela que os conflitos anteriores a fizeram ter a precaução em explicar que o depósito do dinheiro era de uma circunstância específica, o que exemplifica uma tentativa de afastamento da entrevistada. A exposição das opiniões da autora demonstra que as divergências propiciaram que a repórter reavaliasse as interferências realizadas e entendesse que seu julgamento sobre quais escolhas Joicy deveria realizar

eram pautados pelo seu contexto de vida pessoal. Assim, a intromissão do olhar subjetivo é exposta novamente no texto jornalístico como possibilidade de demonstrar os aprendizados que essa maneira mais aproximada de relacionar-se com a fonte trouxe para jornalista. A técnica literária de uma voz narrativa autoanalítica conduz e aproxima o leitor do decorrer de sua experiência.

*O prêmio era de R\$10 mil, valor que, após ser taxado pelo imposto de renda, era reduzido para cerca de R\$7500. Como havia feito anteriormente com “Os Sertões”, dividi o valor com Joicy: depusitei R\$1500 em sua conta — poucos meses antes havia lhe enviado R\$400,00. Para que o ciclo não fosse reiniciado, informei exatamente a ela a procedência do dinheiro [...]. Lá em Alagoinha, a cabeleireira não investiu, como eu esperava, o dinheiro na melhoria em sua casa ou para pagar dívidas: preferiu trocar de moto e adquirir uma mais nova e potente. Eu não podia julgar sua escolha, apesar de ela não compactuar com o que eu fazia. A vida de Joicy era propriedade única, é claro, dela. Meus julgamentos morais e minhas necessidades talhadas pelo cotidiano classe média que eu levava — e levo — não poderiam servir de critérios naquele caso (MORAES, 2015, p.153).*

Desta maneira, Moraes propõe um relato que deixa em aberto questionamentos sobre como exercer esta forma de relação mais aproximada com os entrevistados sem que limites profissionais sejam afetados. O não apagamento da autoralidade na escrita sugere um tipo de texto, possibilitado pelas reportagens literárias, que aponta os desafios vivenciados nestes novos modos de relacionar-se com as fontes e de construir uma narrativa jornalística que viabilize a inserção do repórter como participante dos acontecimentos observados. O caráter auto-reflexivo permite que sejam expostos os desafios no encontro do repórter com a alteridade e as falhas em construir uma narrativa que abarca integralmente o acontecimento a partir de um exercício de aproximação do profissional do modo que a fonte entende sua realidade. Portanto, a admissão do rompimento de uma postura isenta consolida um texto que revela as fissuras e empasses envolvidos no processo de campo e abre questionamentos para modos de exercer a profissão que permitam mais espaços para a valorização da subjetividade como um procedimento técnico,

que permite aprendizados pelo reconhecimento de questões estruturantes que mediam o contato entre repórter e fontes, assim como a busca de novas representações simbólicas do Outro. Segundo Veiga da Silva (2018, p.5): “as dificuldades entre alteridades serviram como matéria-prima para uma reflexão crítica (e autocrítica) sobre as práticas jornalísticas, seus valores sociais e o jornalismo de modo geral, o que delimita os contornos do livro”.

## **Considerações finais**

O Jornalismo Literário possibilita a construção de uma narrativa que se diferencia da escrita jornalística tradicional. É gerado um modelo de texto híbrido, que se apropria de elementos da literatura para relatar fatos não ficcionais. Entretanto, o processo de produção destas reportagens continua atendendo à técnica do método em relação ao compromisso com a verdade e os procedimentos de checagem das informações. Ao utilizar os recursos deste gênero textual, Moraes aponta para uma maneira de narrar que propõe uma escrita entre a forma e a técnica jornalísticas longe do objetivismo.

A inserção das sensações corpóreas é fundamental na recusa pelo apagamento da autorialidade da jornalista, pois traz ao leitor uma ideia da presença física de quem escreve o relato, detalhando os processos jornalísticos e revelando como as experiências de apuração vivenciadas a partir das percepções sensoriais tiveram resultados no texto. As narrações sobre o corpo da entrevistada também são importantes para que a condição de repórter-autora seja firmada, pois Moraes demonstra que relata sobre a entrevistada para refletir sobre a sua situação como observadora. Inobstante, Moraes coloca também seu próprio corpo como um elemento da narrativa jornalística, apontando fortemente para a presença corpórea da autora na própria prática da escrita. Assim, por meio dos recursos literários é criado um modelo de escrita que permite a interpretação dos repórteres sobre os acontecimentos descritos e que retrata a inseparabilidade do conjunto moral e ético de cada



jornalista, autor/a do texto, em relação às decisões de abordagens da história das fontes e formas de escrita de uma reportagem.

O aparecimento dos desafios da jornalista em realizar uma escuta que acolha seu envolvimento emocional e a exposição de conflitos com a entrevistada constrói um texto que reinterpreta a ideia de que a credibilidade é perdida com a apresentação do repórter inserido nos acontecimentos retratados. Assim, Moraes também demonstra que entre o rompimento com a forma de escrita objetiva e o seguimento da metodologia técnica de apuração há a afirmação da forma escrita próprias do Jornalismo Literário. Isso se reflete por meio do exercício de reflexividade da repórter, tal que desprende seus questionamentos de um nível puramente individual e os eleva à condição de autocrítica sobre a sua atuação profissional por meio da colocação de suas opiniões, sentimentos e sensações físicas no relato, como também pela perspectiva da apresentação da relação estabelecida entre Joicy e Moraes. As narrações das discussões mostram que a maior convivência entre as duas possibilitou o estabelecimento de um relacionamento que ultrapassa questões profissionais e gera questionamentos sobre a assertividade das interferências realizadas pela repórter, além de reflexões sobre quais limites de trabalho deveriam ser mantidos diante destas aproximações com a fonte propiciadas pelas reportagens literárias.

## Referências

- LIMA, Edvaldo Pereira. O jornalismo literário e a academia no Brasil: fragmentos de uma história. **Revista Famecos**. Porto Alegre, v.3, n.supl., out. 2016.
- MAGNO, Ana Beatriz. **Jornalismo nos tempos da reportagem: Uma análise da obra jornalística de Ernest Hemingway & Gabriel García Márquez**. Brasília, 2014. 441f. Tese (Doutorado em comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/17279>. Acesso em 11 out. 2019
- MAROCCO, Beatriz. Os “livros de repórter”, o “comentário” e as práticas jornalísticas. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33, 2010, Caxias do Sul. **Anais**. Caxias do Sul: Intercom, UCS, 2010.

MARTINEZ, Monica. Gender, women and Literary Journalism Studies: a Brazilian perspective. **Literary Journalism Studies**, vol 12, n. 1, p. 110-132, August, 2020.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: revisão conceitual, histórias e novas tendências. **Intercom – RBCC**, vol. 40, n. 3, p. 21-36, set/dez, 2017.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, ano VI, n. 1, p 71-83, jan/jun. 2009.

MENDONÇA, Felipe Viero. "Porque todo ponto de vista é a vista de um ponto": A subjetividade como um dos lugares para se compreender o jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Santa Catarina, UFSM, v.18, n.1, jan./jun. 202, p.109-120. DOI:<http://doi.org/10.5007/1984-6924.2021.e76324>

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy**. Porto Alegre: Arquipélago, 2015.

MORAES, Fabiana. Subjetividade: ferramenta para um jornalismo íntegro e integral. **Extraprensa**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 204-219, 2019.

NEVEU, Erik. "Novos" jornalismo investigativos e ciências sociais: pensando empréstimos, diferenças e hibridizações. **Revista Parágrafo**. v. 4, n. 1. São Paulo: FIAM-FAAM, 2016.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo** São Paulo: Contexto, 2005.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PILGER, Caroline Roveda. Um jornalismo de subjetividade e a sensibilização na formação do jornalista. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Santa Catarina, UFSM, v. 16, n.2, p.144-156. jul/dez. 2019.

DOI:<http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2019v16n2p144>

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

RINGOOT, R; MAROCCO, Beatriz; A individualização autoral em jornalismo: Séverine, Eliane e Alexandra repórteres a flor da pele. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 13, 2015, Campo Grande. **Anais**. Campo Grande: SBPJOR, UFMA, 2015.

SALVO, Fernanda Ribeiro. Cultura contemporânea e narrativas jornalísticas: a construção da diferença nas reportagens de Nana Queiroz e Fabiana Moraes.

**Revista Intetexto**, Porto Alegre, UFRGS, n.45, p.55-75, maio/ago. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-858320190.55-75>

SERELLE, Marcio. A reportagem autorreflexiva: o encontro com o Outro entre textos e paratextos jornalísticos. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 1-15, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2018: ID30164.

DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2018.3.30164>.

VEIGA, Márcia; MORAES, Fabiana. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. *In*: XVIII

**ENTRE FORMA E TÉCNICA: elementos do jornalismo literário no livro “O nascimento de Joicy”**

ENCONTRO NACIONAL ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 14, 2019. Rio Grande do Sul.

**Anais...** Rio Grande do Sul: COMPÓS, PUCRS, 2019.

VEIGA DA SILVA, Márcia. O encontro entre subjetividade e alteridade na crítica das práticas jornalísticas: aproximações de pesquisa. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 14, 2016, Palhoça.

**Anais...**Palhoça: SBPjor, Unisul, 2016.

